

# Jill Shalvis

Bestseller do New York Times

## Rendida ao amor

«Obrigatório! Estas personagens  
parecem ter vida e conquistarão  
o seu coração para sempre.»

RT BOOK REVIEWS

Nunca um  
regresso a casa  
soube tão bem.

TOP  
SEL  
LER

## Capítulo 1

Sophie Marren estacionou o barco do ex-marido, prendendo-o à doca com uns nós que aprendeu num vídeo do *You Tube* que tinha no telemóvel, e depois deitou-se de barriga para cima no elegante convés tentando acalmar a náusea que sentia.

Sim, estava bem ciente de que *estacionar* não era o termo de navegação adequado, mas também a palavra *marido* não o era, pelo menos, tanto quanto lhe parecera ser no seu casamento.

Fizera os seus votos e mantivera-se fiel a eles. Já o marido, nem por isso...

Mas isso não era novidade nenhuma, recordou a si própria, suspirando longamente. A novidade era estar a fazer novas escolhas, tais como não viver com aquele aperto no coração, com aquela pressão e com aquele medo constante de estar a tentar ser alguém que não era.

De ora avante, iria viver de copo meio cheio, bolas! Nem que isso desse cabo de si, o que até era bem possível.

— E, no entanto, estás a viver no raio de um barco — disse para consigo mesma, sacudindo a cabeça. Era a primeira semana que passava no seu novo alojamento e tinha a sensação de que não iria aguentar a segunda.

Estava tudo muito sossegado naquele início de manhã. O único ruído que se ouvia era a água a chapinhar repetidamente contra o casco do barco e depois contra a doca. Contra o barco... contra a doca... contra o barco... contra a doca.

— Raios! — gritou, sentando-se rapidamente antes que a náusea aumentasse mais ainda. Tinha de se arranjar para ir trabalhar, mas o ar

estava frio — ela própria se sentia gelada. Além disso, com o barco a baloiçar daquela maneira, não decidira ainda arriscar-se a «perder um olho» ao pôr rímel.

Algures ali perto ouviam-se os trinados vívidos e alegres de pássaros madrugadores, tão vívidos que lhe apeteceu ter uma caçadeira. Levou uma mão ao estômago, mas este continuava às voltas. Até numa banheira poderia enjoar.

Sophie gemeu, esperando morrer depressa. O Lago de Cedar Ridge era um dos maiores lagos alpinos do Colorado, e o facto de se ter levantado vento de manhã, não estava a ajudar, pois provocara ondas em toda a superfície.

Ao sentir outra rajada de vento afastar-lhe algumas madeixas de cabelo do rosto húmido, arriscou abrir ligeiramente um olho. Dali conseguia ver as impressionantes Montanhas Rochosas projetarem-se em direção ao azul infinito e garrido do céu, manchado apenas por uma única nuvem branca e fofa, semelhante a um delicioso monte de marshmallows.

O seu estômago, que habitualmente ficava louco com marshmallows, deu mais uma volta.

— Gah — balbuciou e fechou rapidamente os olhos com força, no preciso instante em que ouviu o telemóvel zunir no fundo do bolso. Tirou-o e carregou na tecla ATENDER, sem olhar, pois para isso teria de abrir os olhos e encarar que aquilo era a sua vida e não apenas um pesadelo.

— Estou?

— Queria apenas que soubesses que mandei rebocar o teu carro para a sucata.

Era Lucas, o ex-marido, o flagelo da sua existência.

— Fiz também uma fogueira com a roupa que deixaste no roupeiro — prosseguiu ele. — Por isso espero que tenha valido a pena roubares-me o barco.

Ela sabia que nada daquilo era verdade, porque ele era demasiado reles e um pouquinho preguiçoso demais para o fazer. Queria apenas puni-la por lhe ter levado o barco. A ironia da questão é que ela não lhe exigira nada no divórcio. Nada a não ser libertar-se. Nada a não ser

a hipótese de se encontrar de novo e não ser apenas uma extensão de Lucas Worthington III, o brilhante advogado em ascensão.

Olhando para trás, ainda que fosse já tarde demais, reconhecia que devia ter exigido algum dinheiro em vez de assumir uma posição moralista e recusar receber um tostão de pensão de alimentos ou alguns dos bens que possuíam. Mas partira para o casamento sem bens pessoais e acabara por não exigir absolutamente nada de Lucas, a não ser libertar-se dele.

Quando o referira ao juiz, este chamara-a à parte e repreendera-a dizendo-lhe que estava a dar um tiro no pé, pois estava no seu pleno direito de exigir alguma coisa.

Magoada pelo facto de constatar que o seu casamento fora uma fraude desde o início, ela acabara por concordar e dizer que ficaria com *uma* coisa, a única coisa que sabia que Lucas amava mais do que jamais a amara a ela — a porcaria do barco.

Mesquinhice? Sem dúvida. Mas tendo em conta, depois do divórcio, que Lucas conseguira reter o barco durante seis meses para «remodações», e fazer com que ela fosse despedida do seu cargo de gerente dos escritórios de uma estalagem local, obrigando-a a renunciar ao seu apartamento, acabara por ser ela o bombo da festa.

O karma era tramado.

Porque é que ele não podia antes adorar a sua enorme casa? Ou o *Lexus*... onde não se sofriam os efeitos da brisa matinal, nem daquelas oscilações constantes para cima e para baixo, para cima e para baixo...

— Oh, meu Deus. — Tapou a boca com a mão e respirou lentamente, tentando conter a náusea.

— Quero o meu *Lucas* de volta — disse o próprio, e ela teria dado uma gargalhada se pudesse, pelo facto de o seu ego ridículo o levar a dar o seu nome ao barco e até pintar *O Lucas* no casco, para que todos vissem.

— Estarás sequer a ouvir o que eu estou a dizer? — referiu ele, num tom insistente.

Não estava, nem precisava de estar, pois tinha uma folha de papel que atestava que estavam amigavelmente separados. Não, obrigada.

Para o demonstrar desligou a chamada e suspirou longamente, esperando morrer antes de ele voltar a ligar.

— Eh! O que está a fazer? — gritou uma voz masculina na direção da doca.

Sophie ficou petrificada, deitada ao comprido no chão. Talvez se não se mexesse ele pensasse que estava morta e seguisse em frente.

— Não pode atracar aqui, minha senhora.

Certo. *Atracar* e não *estacionar*. Isso já ela sabia, mas *minha senhora*? Que raio de tratamento era aquele? A mãe dela era uma *senhora* e a avó também. *Minha senhora* era a forma de tratar velhas e não uma mulher de vinte e cinco anos, desesperada para refazer a sua vida. Sophie sentou-se com muito cuidado e semicerrou os olhos, encarando o tipo que estava na doca, a olhar para ela.

Era alto e entroncado e tinha a vantagem de estar contra o sol, o que lhe permitia ver a sua silhueta e pouco mais. Mas a sua postura era sobejamente agressiva e ela sentiu-se um pouco retraída.

Coisa que detestava, diga-se de passagem.

Mas havia um problema mais grave. As oscilações do barco, em contraste com a imagem do tipo *parado* na doca, provocaram-lhe um vômito. Para se defender, voltou-se a deitar e a fechar os olhos.

— Será que o ouvi tratar-me por minha senhora? É que eu não sou nem pouco mais ou menos uma senhora.

Nada disso. Perguntem a qualquer um. Sophie Marren era divertida e descontraída, embora não fosse muito persistente. Era uma mulher de inícios e não de metas, como diria a sua mãe e não era, de todo, suficientemente adulta para ser tratada por *minha senhora*. A prova disso era que vivia num barco, em bom rigor, ilegalmente estacionado... *ancorado*, perdão.

— Muito bem — disse o tipo. — Não podes ancorar aqui... Ruiva.

Ela abafou uma gargalhada, ao ouvi-lo fazer referência aos seus longos cabelos ondulados, em tons profundos de cobre... OK, *ruivos*. O sentido de humor era um ponto a seu favor. Ah, e o vento estava finalmente a abrandar. A manhã voltara a tornar-se silenciosa ao seu redor. Até os pássaros se calaram. Será que o tipo também se tinha ido embora? Isso era

importante? Pelos vistos era, porque ela sentou-se... devagar... para olhar. Depois gemeu.

Ele não se fora embora.

Porém, mudara de posição e aproximara-se mais, o que lhe permitiu vê-lo com olhos de ver. Tinha cabelo castanho-claro, aclarado pelo sol, cortado à escovinha, tipo militar. Tinha um queixo quadrado a pedir lâmina pelo menos há dois dias. Os ombros largos pareciam prestes a rebentar-lhe com a t-shirt. Tinha uma barriga lisa e umas ancas esguias, enfiadas numas calças militares de padrão camuflado. Enquanto ela o observava, ele tirou os óculos de sol espelhados, revelando uns olhos da cor de uma das suas guloseimas preferidas, quando não estava enjoada: chocolate.

Oh, diabo.

Talvez sentisse algum tipo de atração instantânea por ela, mas soube disfarçá-la muito bem, porque olhou para o relógio de pulso, como se estivesse com pressa.

A história da sua vida: homens cheios de pressa de se afastarem dela. Decidiu, por isso, na hora, que não simpatizava com ele, por muito sexy que fosse.

— Isto é um lago público — disse ela.

— Sim, mas tu estás atracada a uma doca particular que pertence àquela cabana. — Sacudiu o queixo para o lado, apontando para a casa, mesmo atrás dele.

O lago era utilizado de várias formas. As margens este e oeste pertenciam ao estado e eram território florestal nacional. Havia parques de campismo públicos a nordeste, e casas apenas na margem norte.

A cabana para onde ele apontara era de facto particular, mas ela tinha a certeza de que estava desocupada, pois estava à venda há meses, ainda que o letreiro a indicar «VENDE-SE» tivesse sido retirado, o que era problemático. Mais problemático ainda era o facto de os estores estarem subidos e a porta estar aberta.

Hum. Erro seu.

— Estava só a dormir uma pequena sesta — justificou ela.

Ele arqueou uma das sobrancelhas praticamente até à linha do cabelo.



— Às sete da manhã?

Sim. Era o que acontecia a quem tinha de andar constantemente a mudar o barco de sítio, para não ser multado por ancorar ilegalmente durante a noite, embora não lhe apetecesse *admitir*.

— Não dormi ontem à noite — disse ela, o que era absolutamente verdade. — Estava um vento terrível e o barco não parava de baloiçar.

— Usar duas amarras — uma à proa e outra à popa — teria ajudado bastante a estabilizar o barco — referiu ele.

Algo que Lucas não se dera ao trabalho de lhe explicar, claro.

— Obrigada — respondeu ela, ligeiramente mais calma.

— Podes atracar durante a noite. Basta que compres uma licença para atracar numa das docas públicas dos parques de campismo ou então atracas o barco numa doca particular... com autorização do proprietário.

Ele era guarda do lago e um picuinhas com as regras. Não é que isso a surpreendesse. Toda a população masculina estava na sua lista negra, uns mais acima do que outros, mas isso era outra história.

— Eu vou tirar o barco — prometeu ela, esperando apaziguá-lo o suficiente para que se fosse embora.

Ele acenou com a cabeça e... continuou ali parado.

Perfeito. Sentia-se ainda um pouco desequilibrada, mas conseguiu levantar-se e sentou-se ao volante. Fazê-lo sem vomitar foi, de certa forma, um milagre. Mas antes que pudesse meter atrapalhadamente as chaves na ignição, ouviu o ruído de alguém a correr pela doca, de saltos altos, e virou a cabeça, a tempo de assistir à cena com a mesma expressão silenciosa de horror que teria estampada no rosto se assistisse a um acidente de comboio.

Uma loura alta, toda ela só pernas, fazia o possível por correr, enfiada num par de calças de cabedal estampadas, com um corpete a condizer, o que lhe estava a ser bastante difícil, graças aos descomunais seios de silicone que lhe saltavam na direção do queixo a cada passo que dava, com aqueles saltos de agulha de doze centímetros.

— Lucas — gritou a mulher. — Oh Lucas... Estou de folga. Podemos brincar ao pirata e à donzela aprisionada outra vez!

Sophie conseguiu pôr-se de pé para revelar a sua presença através do para-brisas. Sim, era uma das galdérias habituais de Lucas, o que a deixou a ver tudo vermelho. O lado positivo da questão é que um cérebro, pelos vistos, não podia sentir fúria e náusea ao mesmo tempo, pois a sensação de estar prestes a vomitar as tripas desapareceu por instantes.

— Ups — disse a mulher, parando em derrapagem e puxando um pouco o corpete, o que quase lhe provocou estragos de proporções épicas na indumentária. — Estou à procura do Lucas.

Como raio se chamava ela? Interrogou-se Sophie, tentando recordar-se do nome. Brandy, Candy?

— Eu sou a Mandy — disse a Menina Capô de Fusca, olhando de soslaio para o Sr. Guarda do Lago, que por acaso subiu mais um ponto na sua consideração, ao olhá-la displicentemente e concentrar-se de novo na sua pessoa.

— Não estou a entender — afirmou Mandy, confusa, olhando, agora, também para Sophie. — Quem é você? Não se atreva sequer a vir para cima de mim. As segundas-feiras de manhã são minhas e do Lucas, ou melhor, todas as segundas-feiras de quinze em quinze dias, porque nas outras ele tem reuniões importantíssimas. Mas ele vai deixar a mulher por minha causa, por isso ponha-se à distância.

— OK, tenho uma boa e uma má notícia para lhe dar — disse Sophie. — A boa notícia é que ele deixou de facto a mulher. Eu.

Mandy teve de olhar para ela duas vezes.

— A pindérica que ele deixou é *você*?

Caramba. Desiste uma pessoa da universidade e da própria vida para gerir a agenda ocupadíssima do marido, para se ver subitamente encarada como uma extensão inútil do homem, em vez de se assumir como senhora do seu próprio destino.

Ainda bem que ultrapassara isso e voltara a dedicar-se a si própria.

O facto de não saber como queria ganhar a vida deixara-a temporariamente a encanar a perna à rã, mas também estava a tratar disso, dando o seu melhor em todos os empregos que experimentava. As coisas não lhe tinham corrido propriamente de feição, até à data, porém não tinha outro remédio senão continuar à procura.



Mandy cruzou os braços.

— Então, onde raio está o Lucas?

Mais tarde, muito mais tarde, Sophie viria a arrepender-se do que lhe saiu pela boca fora.

— O Lucas... foi-se. — O que, na verdade, não era totalmente falso, porque se um camião não o atropelasse no fim de semana, ela própria se encarregaria de o fazer.

Mandy pestanejou.

— Foi-se? O quê, *morreu*?

*Tu estás a ajudá-la*, disse Sophie para consigo mesma. *A evitar-lhe um desgosto futuro*. Por isso fez o possível por parecer convenientemente desgostosa, ao acenar com a cabeça, preparando-se para o ataque de histeria da ordem.

Mas, em vez disso, Mandy ficou muito vermelha e bateu com um salto de agulha na doca.

— O estupor! Ele disse-me que passara por um processo de crescimento pessoal, ultimamente, e que tomara algumas decisões importantes a nosso respeito! E agora resolve bater a bota? *Está a brincar comigo?*

Sophie duvidava que uma ereção contasse como crescimento pessoal e achou que merecia ser canonizada pelo facto de se coibir de o dizer.

— Ele já me tinha escolhido o anel de diamante, com um colar e uma pulseira a condizer e tudo — revelou Mandy, suspirando. — Os homens não prestam para nada.

*Ali* estava algo em que poderiam estar ambas de acordo

— Preciso de subir a bordo — disse Mandy, com os seios trémulos de indignação. — Deixei aí umas coisas em baixo que o sacana não merece nem mesmo depois de morto.

— Tais como? — perguntou Sophie.

— O Lucas reservou-me uma gaveta.

Sophie olhou-a por breves instantes, deu meia-volta e desceu abaixo da coberta. Encontrou efetivamente uma gaveta cheia de lingerie e — um... — um objeto cor-de-rosa fluorescente, que funcionava a pilhas.

Decidiu não tocar em nada, tirou a gaveta inteira, regressou intemperivamente ao convés...

E tropeçou.

O conteúdo da gaveta voou pelo ar e espalhou-se pela doca. Tangas de renda, cintos de ligas, sutiãs minúsculos... e, por último, o não menos extravagante brinquedo a pilhas, cor-de-rosa fluorescente, que rebolou para junto dos pés do Guarda do Lago Bom Como O Milho... e começou a vibrar.

O Guarda do Lago Bom Como O Milho olhou para ela.

— Tens licença para usar isto? — perguntou ele.

— Não é meu!

Mandy bufou ruidosamente e apanhou-o, juntamente com a lingerie, olhando furiosa para Sophie, como se esta fosse a culpada de tudo.

— Quero que saiba que o Lucas me amava mais a mim e ao meu *Rabbit*<sup>1</sup> do que a si. — Dito isto, deu meia-volta e percorreu a doca, assistida pelo clique dos saltos e o zunido do vibrador.

Sophie suspirou devido ao silêncio constrangedor que se gerou entre si e o Guarda do Lago Bom Como O Milho. Por acaso, só ela parecia estar embaraçada, porque ele ostentava um ar perfeitamente calmo e descontraído.

— Lamento muito — disse ele.

— Não lamentos. Ele não morreu realmente. — Recuou até ao banco junto do lugar do condutor e deixou-se cair nele, tonta de cansaço. — Eu disse *foi-se*. Para *mim* foi-se.

E era tudo o que tencionava dizer sobre o assunto.

Hoje e sempre.

Mas parece que ele não percebeu a mensagem, porque se agachou na doca, de forma a ficarem com os olhos ao mesmo nível, e não disse nada.

Ela rilhou os dentes. O vento estava de volta, bolas, e o barco começou a baloiçar.

— Escuta, eu já disse que ia sair daqui. Dá-me só um minuto.

---

<sup>1</sup> Marca de vibrador. [N. da T.]

Ele acenou com a cabeça... e ficou exatamente onde estava.

— Não acreditas em mim? — perguntou ela.

— Estou só à espera, para ver se precisas de ajuda.

Ela olhou-o, desconfiada, mas ele parecia estar a ser sincero. Iria de facto ajudá-la se ela precisasse. Mas ela não necessitava de ajuda. Nem dele, nem de ninguém.

Finalmente, lá se arrastou para trás do volante. Ligou o motor do barco, lembrando-se depois, subitamente, que tinha de o desamarrear primeiro.

Mas o seu guarda do lago já estava a tratar do assunto, manuseando as cordas como se tivesse nascido para aquilo. Depois, empurrou o casco com o pé, evitando que este roçasse na doca e se danificasse, e atirou as cordas para dentro do barco.

— Estás no bom caminho.

Ela olhou para ele. Estaria a brincar? Não estava no bom caminho, coisa nenhuma, estava num estado absolutamente deplorável e ambos o sabiam. Só que ele estava a referir-se ao barco e não a ela, e ela também tinha a noção disso. Ainda assim, apreciou que ele a ajudasse sem que ela lho pedisse.

— Obrigada — disse ela.

Ele acenou com a cabeça, e esperou um pouco.

— Precisas que eu te diga onde fica o acelerador?

Ela não pode deixar de sorrir.

— És um charme em pessoa, sabias?

— É verdade. Acabadinho de chegar da escola do charme.

— Onde era? Na Cochinchina?

— Perto — respondeu ele, sem dar mais explicações.

Está bem. Que se lixe. Já tinha o que lhe chegasse de homens misteriosos. Já tinha o que lhe chegasse de homens, *ponto final*. Empurrou o acelerador. Quando olhou pelo retrovisor, um minuto depois, ele continuava na doca, de mãos nos bolsos, a vê-la afastar-se.

## Capítulo 2

A última coisa que Jacob Kincaid esperava no seu primeiro dia na cidade era dar de caras com uma beleza misteriosa e temperamental, de olhos verdes, mas ela conseguira de alguma forma distraí-lo de si mesmo, e ao mesmo tempo irritá-lo e diverti-lo.

Também o fizera sentir vivo.

E como isso estava a mexer bastante com ele, meteu-se na sua nova pick-up *Ford* e foi dar uma volta. A pick-up fora o presente que oferecera a si próprio pelo facto de ter regressado inteiro ao país. A condução era excelente, e ele distraiu-se ao observar pela primeira vez Cedar Ridge, desde há muito tempo.

Parecia ter passado uma eternidade desde que se afastara da família — a mãe, o irmão gémeo, Hud e os Kincaids — quando era ainda um adolescente exaltado de dezoito anos. Não tinha regressado a casa.

Até agora.

Tinha sido muita coisa ao longo da vida: irmão, filho, amigo e oficial do exército nas Forças Especiais.

De momento, não era nada disso, mas tencionava modificar a situação. Começara por alugar uma pequena cabana no lago, apenas a um quilómetro e meio da cidade, um local que, em tempos, fora o único verdadeiro lar que conhecera.

Mas nunca o admitira a não ser recentemente e apenas perante si próprio.

A cabana ficava na margem nordeste do lago e era sossegada e tranquila, coisa que a sua vida *nunca* fora.

Mais uma coisa que tencionava modificar.

Chegara já tarde na noite anterior, fora buscar as chaves e falara brevemente com o agente imobiliário, que tentara convencê-lo a comprar a cabana em vez de a alugar.

Mas Jacob já não tomava decisões rápidas e impetuosas.

Embora *repelisse*, e até bastante arrebatadamente, a primeira mulher civil com quem tivera contacto desde há algum tempo.

Sim, poderia sem dúvida ter-se portado melhor, admitiu. *Perdera* totalmente a prática de ser sociável. Talvez estivesse mais perturbado do que pensava, porque lhe agradara bastante o mau génio que vira brilhar nos olhos dela, ao encará-lo a ele e ao mundo. Era como tentar lidar com um belo felino ferozmente assanhado e ferido. Porém, apesar das suas garras afiadas, ela transmitira-lhe algo que há muito tempo não sentia.

Adrenalina, no bom sentido da palavra, e também o verdadeiro sabor do mundo real, depois de passar nove anos no exército.

A cidade estava... na mesma. Era uma cidade pequena, orientada para os turistas que a visitavam para fazer esqui. As ruas estavam cheias de boutiques de roupa cara, galerias de arte e joalharias, cafés, bares, estalagens e afins. Aos dezoito anos, Jacob amarinhara pelas paredes ali, morto de tédio, como que a sufocar lentamente.

Mas agora, depois de ter estado no estrangeiro e de ter perdido a conta às espeluncas que conhecera, conseguia ver em Cedar Ridge o que os outros não viam: um charme e um encanto únicos.

Não queria correr o risco de dar de caras com alguém que conhecesse antes de revelar à família que regressara a casa. Eles mereciam saber que lá estava pela sua própria boca. Mas a necessidade de cafeína sobrepôs-se ao instinto de autoproteção, por isso entrou num café como se estivesse em missão, comprou um café e um *bagel*, para levar, e dirigiu-se para a cabana.

Incólume.

O barco da Ruiva não voltara a aparecer e ele sentiu um imenso alívio. Talvez sentisse também uma pontada suspeita que lhe pareceu ser de desencanto, mas decidiu não lhe dar demasiada atenção.

Em vez disso, descobriu uma série de pranchas de *paddleboarding* encostadas à parede lateral da cabana, e decidiu mandar tudo às urtigas.

Levou uma prancha para dentro de água e remou até se esquecer de tudo, o que talvez lhe permitisse dormir nessa noite em vez de ficar a matutar na forma como iria contactar a família ao fim de tanto tempo, agora que estava de licença ou no motivo por que lhe fora concedida licença de luto.

Na manhã seguinte, Jacob acordou com os braços agradavelmente doridos, do *paddleboarding*, que fizera para desanuviar. O frio cortante, com aroma a pinho daquela manhã de junho, entrava pela janela que deixara aberta, penetrando no ar e no seu próprio corpo. Do sítio onde estava estendido, conseguia ver uma nesga de rio, salpicada de cristas de ondas brancas, muito mais agitadas e encrespadas do que nos últimos dias.

Deixou-se ficar deitado um instante, incapaz de se abstrair da sucessão de imagens que estava a ter. Imagens de Brett, o seu melhor amigo, a morrer nos seus braços no deserto desolado que era o Afeganistão. Imagens da expressão do irmão no dia em que tinham brigado, há muitos anos atrás. Jacob não via Hud desde então. Imagens da sua mãe, que devido à sua demência perdera a noção do tempo do espaço e das pessoas, mas que nunca se esquecera de quem ele era.

Mesmo a Ruiva conseguira de alguma forma abrir caminho e entrar dentro de si, embora lhe revelasse também alguns sinais fugazes de vulnerabilidade. Essa combinação despertara-lhe interesse e atraía-o.

Mas ele não tinha propriamente tempo para pensar nessas coisas. Não. Decidira concentrar toda a sua energia na forma como iria abordar a sua família. Já lá estava há dois dias e continuava a zeros nessa frente. Não os avisara antecipadamente da sua chegada porque... caramba. O que poderia alguém dizer depois de quase uma década de silêncio?

Mas chegara o dia de o fazer. Já empatara o suficiente. Sentiu o estômago contrair-se só de pensar no que tinha pela frente.

Estava uma pilha de nervos, o que era uma loucura, pois há muito tempo que não se sentia nervoso acerca de nada.

Rebolou para fora da cama, tomou um duche, vestiu-se e saiu, mais uma vez à procura de comida que não precisasse de cozinhar em casa.



A meio caminho entre a casa e a pick-up, espreitou para o lago através do arvoredo que ladeava a sua propriedade.

O *Lucas* estava de novo ancorado na sua doca.

Mudou de direção, caminhou até lá e olhou para o barco. Não viu sinais da Ruiva, mas ouviu um ruído vindo debaixo da coberta. Um... gemido?

*Põe-te a andar, soldado.*

Mas não conseguiu, raios.

— Está aí alguém? Ruiva?

O silêncio que se seguiu foi tão pesado que ele convenceu-se que ela parara de respirar.

— Vou subir a bordo — disse ele. Ao ver que não obtinha resposta, subiu para o barco, esperando que ela não estivesse de arma apontada na sua direção. Ao entrar no barco, ela saiu relutantemente para o convés.

Usava uma saia curta, florida, que lhe ondulava sobre as coxas, e um top branco, de alças. Estava com um pulôver verde-escuro numa mão e um par de sandálias de salto alto penduradas na outra.

Bastou um olhar para transmitir na perfeição a sua irritação. Depois, afundou-se na cadeira do capitão e deixou cair a cabeça sobre os joelhos.

— Porquê tu? — gemeu. — Agora a sério, que raio se passa com o meu karma? É como se o cabrão tivesse ido de férias para outro planeta.

— Também é um prazer ver-te de novo — disse ele, secamente. — Queres explicar-me o que se passa?

— Nada. Absolutamente nada — disse ela para os seus joelhos, com um claro sotaque sulista. — Tenho por hábito falar com os joelhos quando um estranho me faz vinte perguntas seguidas. Estou ótima. Estou sem dúvida a ver o copo meio cheio.

Ele sorriu ao ouvir aquilo. Talvez não fosse bom da cabeça, mas adorava o sarcasmo numa mulher.

— Estás bem?

— Maravilhosamente bem. Só uma apendicectomia sem anestesia, num país do terceiro mundo, me faria sentir melhor.

Sarcasmo e uma péssima atitude. Daria certamente uma sova a qualquer um, se necessário fosse. Mais ardente do que aquilo era impossível. Ele agachou-se junto dela, de forma a ficarem com o rosto ao mesmo nível, embora não o pudesse ver, pois ela ainda não o desencostara das pernas.

— Tu não podes...

— ... atracar aqui — referiu ela, muito cautelosamente, sem mover um milímetro. — Sim, tu explicaste isso, ontem, com a tua prontidão de sempre.

— Eu ia a dizer que não deves olhar para baixo quando estás nauseada, porque ficas pior.

— Ah, bom. — Hesitou um pouco e virou a cabeça para olhar para ele. — E tu não deves ser gentil quando eu não o sou. Mas obrigada... oh, diabo, oh, merda — sussurrou, lamentosamente, quando o barco baloiçou.

Jacob estendeu instintivamente o braço e massajou-lhe as costas com uma mão.

— Já experimentaste tomar Vomidrine?

— Sim. Não resulta. Vou pôr um penso hoje.

— Isso vai ajudar.

Ela acenou com a cabeça e endireitou-se.

— Desculpa eu estar aqui. Preciso apenas de ficar na doca durante o resto do dia, OK? Eu sei que a cabana está à venda e ninguém ali vive, portanto não vejo problema nisso.

A não ser o facto de estar a evadir-se ao pagamento da licença para ancorar, que ele estava desconfiado de que ela não tinha dinheiro suficiente para pagar.

— Para tua informação, a cabana já não está desocupada — avisou ele totalmente determinado a dizer-lhe também que poderia manter o barco na doca, durante o tempo que fosse necessário.

Mas ela deixou escapar um ruído que tanto podia ser uma gargalhada contida como choro. Um nada apavorado de que a segunda hipótese se confirmasse, levantou-se no preciso instante em que ela se engasgou, gemeu e... vomitou.

A escassos milímetros dos seus sapatos.

Bem-vindo a casa, pensou ele, amparando-a com um braço e tentando agarrar-lhe no cabelo com a mão. O problema é que ela tinha muito cabelo e algumas madeixas sedosas prenderam-se teimosamente à sua barba no queixo, enquanto ela tentava debilmente empurrá-lo.

— Lá se foi a hipótese de melhorar a tua primeira impressão sobre a minha pessoa — disse ela, arquejante. — Parece que te voltou a calhar aturares a minha insanidade.

— Chiiiu. — Ela estava com a pele macilenta e esverdeada, por isso ele continuou a agarrá-la receando que ela caísse borda fora e se afo-gasse.

— Dá um instante a ti própria — afirmou ele.

Ela suspirou lamentosamente e não olhou para ele.

— Quantos Vomidrines achas que eu preciso de tomar para morrer? — perguntou ela.

Jacob não conseguiu retribuir-lhe a piada. Não em relação a esse tema, quando revia incessantemente a imagem do caixão de Brett a descer à terra, sempre que fechava os olhos, ultimamente.

— Lamento muito — disse ela, endireitando-se, ainda um pouco cambaleante. — Mas, olha, estás cheio de sorte. Não te acertei nos sapatos. Não te preocupes, limpo isto num instante e ponho-me a andar.

Como se ele pudesse acreditar nisso.

— Espera aqui — disse ele. Saiu do barco e foi à cabana, para lhe ir buscar um pouco de água e uma mangueira para a ajudar a limpar o barco.

Porém, quando voltou a sair, tanto ela como o barco tinham desaparecido, deixando-o sem nada que o distraísse do que tinha de fazer nesse dia. Ao pensar nisso, os nervos voltaram em força e iniciaram uma sessão de sapateado no seu estômago.

Vomitara em cima do gajo sexy. *Santo Deus*, pensou Sophie, ainda debilitada, limpando rapidamente tudo e manobrando o barco, para se afastar tanto quanto possível da pequena cabana.

Mas isso era mais fácil de dizer do que de fazer.

Ocorrera uma violenta tempestade de verão nos últimos dias, e os seus enjoos tinham-se agravado bastante. Especialmente por estar sempre em movimento, que é como quem diz, a *esconder-se*, para arranjar sítios onde atracar.

Nunca navegara em ondas tão grandes. Sem cinto de segurança, sentia-se vulnerável, por isso prendeu o tornozelo na base do assento, para não voar borda fora. Porque isso seria ainda mais embaraçoso do que o que acabara de acontecer. Se é que isso era possível.

O problema é que ela era péssima a conduzir o barco. Não tinha nada a ver com um carro. Quando o virava, este não respondia imediatamente, o que a obrigava invariavelmente a corrigir a manobra anterior. Para agravar o problema, a forma como o vento batia na água, forçava-a a conduzir o barco contra as ondas, a subir e passar por cima destas, no instante em que a crista se formava.

Não era nada bom. Por vezes, *O Lucas* ficava momentaneamente suspenso no ar, precipitando-se depois violentamente contra a água. Até os dentes trepidavam. Estava a fazer o possível para lutar contra a brutal ofensiva das águas turbulentas, mas de cada vez que ia contra uma onda, a mão escorregava-lhe no acelerador manual, devido ao choque, acelerando ou abrandando o barco.

Bastaram cinco segundos para voltar a ficar nauseada.

Mas nada disso importava agora, porque *vomitara em cima do Guarda do Lago Bom Como O Milho*.

Sim, ele era sexy. Terrivelmente sexy. Não conseguira admirá-lo bem da primeira vez que o vira, mas hoje sim. Era entroncado e estupidamente bem constituído, e aguentara-se ali estoicamente, a segurar-lhe no cabelo, de pés bem assentes no chão, calças militares, verdes e t-shirt preta repuxada sobre o peito largo, quase a ponto de se rasgar, com os olhos escondidos atrás daqueles óculos de sol.

Meu Deus, talvez nunca tivesse batido tão fundo, mas não podia subestimar-se.

Enquanto conduzia o barco, procurou outra doca que lhe parecesse estar desocupada. Não é que estivesse com pressa de estacionar aquele filho da mãe. Se andar com o barco sobre a água, a alta velocidade,

só por si, já lhe estava a ser difícil, manobrá-lo para dentro de um espaço exigia aptidões e a sorte que não tinha, para além de uma outra coisa seriamente em falta nela: paciência.

Mas tinha de começar a trabalhar. Até há algumas semanas, trabalhara numa das cadeias de hotéis locais, dirigindo a equipa de rececionistas em cinco localidades distintas, e fizera um excelente trabalho.

Depois, Lucas dormira com a mulher do CEO e... enfim, Sophie pagara mais uma vez o preço. Agora estava a fazer trabalho temporário, aceitando todos os trabalhos que lhe apareciam, por desespero, pois estava a ficar farta de massa japonesa, maçãs e manteiga de amendoim.

E... não havia meio de encontrar um raio de uma doca aberta. Acabou por virar e voltar para trás, terminando o percurso onde o iniciara... junto da cabana. Olhou para a doca vazia e pensou nos vinte dólares que pouparia no bilhete diário do parque de campismo, o que era vantajoso, pois estava de tal forma falida que não conseguia pensar em mais nada.

Abrandonou e olhou para a doca, mordendo o lábio inferior.

*Não podes atracar aqui...*

Fora isso que o Guarda do Lago Bom Como O Milho lhe dissera, mas ela ouvira muito mais do que isso.

*Não podes licenciar-te em «bons momentos».*

*Não podes abandonar a universidade. Tens de ser alguém na vida.*

*Não podes andar a pairar descontraidamente pela vida tipo garina de motel.*

*O importante na vida nem sempre é a felicidade. A vida tem de ter algum significado.*

*Se não vais ser ninguém na vida, pelo menos casa-te com o Lucas, que irá cuidar de ti.*

Fez o possível para esquecer tudo isso, pois estava saturada de ouvir as pessoas. Os seus pais bem-intencionados, os seus antigos patrões e os que se diziam seus amigos, que tinham desaparecido todos, desde que se separara de Lucas.

Não. A onda agora era escutar apenas o seu próprio coração.

Por isso, decidiu levar o barco para o parque de campismo. Conseguiu manobrá-lo até perto da doca e depois foi buscar o vídeo do *Youtube*

que guardara sobre a forma de amarrar o barco. Graças aos conselhos do Guarda do Lago Bom Como O Milho, usou duas amarras, e conseguiu desencantar algum dinheiro para o bilhete diário — adeus, almoço —, apressando-se a descer para debaixo da coberta.

O local não estava tão imaculado como quando o barco pertencia a Lucas. Isto porquê? Primeiro, Sophie não era propriamente uma dessas entusiastas das limpezas, com transtorno obsessivo-compulsivo, que o esfregariam, de uma ponta a outra, com uma escova de dentes, e em segundo lugar, detestava as acomodações. Odiava aquela casa de banho portátil que nem sequer podia usar, por não saber onde a ligar, o que a obrigava estacionar — hum, a *atracar* — o barco perto de um dos dois parques de campismo do lago, de modo a poder usar as instalações sanitárias.

O que tinha mesmo era bancos para seis pessoas e uma cama onde mal cabia uma. Os bancos e a cama do compartimento estavam forrados com o mesmo material branco, debruado a vermelho, semelhante a cabedal, dos assentos do convés, o que o fazia parecer mais espaçoso do que realmente era. Havia um sistema estéreo e um centro de entretenimento, topo de gama, embutidos em armários, que deviam ter custado mais do que ela ganhara no ano anterior. Tudo muito compacto e eficiente.

Era de enlouquecer.

Escovou apressadamente os dentes, no pequeno lavatório da cozinha do barco, impôs alguma ordem no cabelo, e vestiu a última muda de roupa lavada que encontrou. Teria feito o pequeno-almoço mas o único queimador elétrico do pequeno fogão, quase nunca funcionava, e hoje era uma dessas manhãs.

Quarenta minutos depois estava à porta do hospital, a substituir os ténis de corrida por sapatos de salto alto. Não é que tivesse corrido do lago até lá. Nada disso. Sophie só corria se fosse perseguida por um urso, e isso raramente acontecia.

Caminhara cinco quilómetros até ao trabalho, recordando a si própria que poderia, em contrapartida, passar a comer sobremesa ao almoço e ao jantar, a título de recompensa. Enfiou os ténis na sacola e encaminhou-se para o edifício contíguo ao hospital, onde iria dirigir



a receção das instalações de Cuidados Continuados, nos próximos dias, enquanto o chefe de escritório habitual recuperava de uma desvitalização.

O cargo era stressante mas ela adorava os utentes, quase todos idosos ou um pouco destrambelhados, e integrara-se imediatamente. Um psiquiatra teria bastante que dizer acerca disso, contudo, ela decidira fazer novas escolhas, e uma delas era deixar de se preocupar com o que as pessoas pensassem dela.

Enquanto picava o ponto, acenou à Dani, a rececionista, e depois aos dois contabilistas que estavam na sala do pessoal. Entrou nos serviços de atendimento público para ver se tudo estava em ordem e ficou paralisada ao ver um homem entrar pela porta principal. Tendo em conta a forma como o dia lhe estava a correr, nada deveria ser motivo de surpresa na altura, mas aquilo foi.

O Guarda do Lago Bom Como O Milho estava a caminhar na sua direção.

Sophie abriu a boca e fechou-a logo a seguir, olhando para ele com a expressão estarecida de um peixe. O que raio queria ele? Processá-la por enjoar e vomitar ou por deixar o barco num sítio que não parecia interessar a mais ninguém? Semicerrou os olhos com o coração a martelar-lhe o peito.

— Francamente — disse ela. Talvez até gritasse. — Eu não fiz nada de mal! A não ser estacionar o meu barco ilegalmente, OK, mas vomitar, ainda que seja um infortúnio, não dá prisão, até porque nem sequer te sujei os sapatos! Vê se esqueces isso!

Ele tirou os óculos escuros e olhou-a nos olhos, com um ligeiríssimo sorriso convencido nos lábios.

— Isto é assédio — disse ela. — Podia processar-te, mas não sou pessoa para isso. Muito menos se concordares em deixar-me usar a doca mais uma noite, a título de compensação. — Com os diabos. Mal podia acreditar no que estava a dizer, mas ele encurralara-a um canto, como se costuma dizer, e o coração parecia prestes a saltar-lhe do peito.

Sem dizer uma palavra, o Guarda do Lago pegou na caneta que estava junto da folha de registo que usavam para as visitas dos pacientes e...

Assinou-a para visitar um paciente.

Depois, poisou a caneta, arqueou-lhe uma sobrancelha e foi-se embora.

Incapaz de se conter, Sophie contemplou o seu magnífico traseiro, enquanto ele se afastava.

— Então posso ficar mais uma noite, não é? — gritou-lhe ela.

Dani veio para junto dela, juntando-se à sessão de contemplação.

— Vomitaste-lhe em cima dos sapatos?

Ela suspirou.

— É uma longa história.

## Capítulo 3

Jacob estava ainda a abanar a cabeça, ao subir as escadas até ao segundo andar do centro de reabilitação. Parece que a Ruiva do lago afinal tinha um nome, e ele acabara de lê-lo no crachá de identificação dela.

Sophie Marren.

Usava uma indumentária diferente daquela com que a vira antes — uma saia travada e uma blusa sem mangas — e já não estava com a tez pálida e esverdeada, nem a vomitar. Agora tinha o cabelo torcido no alto da cabeça, com algumas madeixas longas e finas soltas. Estava com as faces rosadas e os lábios brilhantes. Os seus lindos olhos verdes estavam emoldurados num par de óculos de ler e tudo nela transmitia a doçura reservada e cautelosa de uma bibliotecária.

Um look que nunca lhe dera muito que pensar, mas que, subitamente, lhe estava a parecer sexy como o raio. Sobretudo se associado ao ligeiro sotaque sulista que detetava nela sempre que era insolente, o que parecia ser uma constante, perto dele.

Estava a pensar nisso com um ligeiro sorriso nos lábios, porque ela praticamente lhe gritara, ao virar-lhe as costas, e há muito tempo que ninguém chamava por ele assim, aos berros. No seu mundo, as pessoas respeitavam-no, temiam-no e evitavam-no... Jamais lhe apontariam um dedo à cara, para o repreender como uma professora.

Mas o sorriso depressa esmoreceu ao lembrar-se por que razão ali estava: viera visitar a mãe. A seguir pensaria na forma de se encontrar com Hud.

Só que ao virar a esquina, deu de caras com ele.

Em tempos eram como imagens de um espelho, réplicas exatas um do outro, e ao mesmo tempo opostos. Hudson era destro e ele canhoto. Hudson tinha um remoinho à direita e Jacob à esquerda. Hudson era emotivo e Jacob essencialmente cerebral.

A não ser daquela vez.

O dia em que brigara com Hudson, fora o pior momento da sua vida, o que fora significativo, pois vivera alguns momentos terríveis antes disso e desde então. Mas nesse dia disseram certas coisas um ao outro e Jacob não sabia como remediar isso.

O crescimento de ambos fora rápido e duro. A mãe, Carrie, era uma rapariga doce mas perturbada, de dezoito anos, de quem o pai se aproveitara uma noite. Mais tarde, vieram a descobrir que Richard Kincaid fazia filhos em série, e que *monogamia* era uma palavra cujo significado desconhecia.

Hud, Jacob e Carrie educaram-se uns aos outros, sem apoio, e o seu crescimento consistira basicamente nisso. Na verdade, Hud e Jacob educaram-se a si próprios, fazendo o possível por educar também a mãe. Mas quando fizeram doze anos, já Carrie perdera por completo o norte, o que a impossibilitara de manter um emprego.

Jacob e Hud fizeram tudo o que puderam, trabalhando, quando arranjavam trabalho, e vigarizando pessoas quando não arranjavam, mas acabaram por não conseguir manter a casa e foram aterrar ali em Cedar Ridge, graças à generosidade de Char Kincaid.

Char fora outra das mulheres rejeitadas por Richard Kincaid e tivera dois filhos com o tipo: Gray e Aidan, ambos um pouco mais velhos do que Hud e Jacob.

Significa isto que ganharam o apoio emocional de uma família, pela primeira vez na vida, assim que aterraram em Cedar Ridge. Carrie estava num lar, ali perto, e eles tinham um telhado e três refeições por dia.

Embora Jacob e Hud prometessem um ao outro partir juntos, para explorar o mundo e satisfazerem as necessidades um do outro, quando fizessem dezoito anos, Hud adaptara-se a Cedar Ridge e aos seus novos irmãos como um peixe na água.

Jacob tentara. Ou talvez não tentasse. O que certamente fez foi carregar consigo aos ombros o ressentimento e a raiva pelo abandono do pai, e a frustração que sentia devido à doença da mãe, sob a forma de um enorme complexo de inferioridade. Encarava-se como um merdas, que merecia ser posto na rua.

Mas Char revelara-se meiga, carinhosa e maternal, e Aidan e Gray fizeram por ignorar a sua tacanhez, tratando-o a ele e a Hud, como nunca ninguém os tratara antes. O mesmo se podia dizer de Kenna, a sua irmã mais nova, filha de uma outra mulher do pai, que chegara a Cedar Ridge pouco depois de Hud e Jacob.

Ainda assim, no dia da sua formatura, Jacob fizera as malas, tal como ele e Hud sempre tinham planeado fazer.

Só que Hud recusara-se terminantemente a partir.

Jacob insistira, e Hud dera largas ao seu mau génio, coisa rara nele, dizendo-lhe que se queria ir-se embora, deveria ir, mas que se o fizesse deixariam de ser irmãos.

A fanfarronice e o ego dos seus dezoito anos reagiram mal a esse ultimato, e Jacob acabou por partir, quebrando assim o laço mais forte que jamais o unira a alguém.

Alistara-se no exército e quando estava no campo de treino, conheceu Brett, que perdera a família, por culpa de um condutor embriagado, o que era muito diferente do que perder a família por orgulho ou estupidéz. Ambos se apoiaram emocionalmente e foram como família um para o outro, durante o treino básico, durante o treino especializado com armamento, e em várias missões.

Mas depois Brett morrera de uma forma estúpida, num bombardeamento à beira da estrada, que os apanhou de surpresa. Foi nessa altura que o mantra contido na frase «não deixar ninguém para trás» lhe bateu com força. Com muita força. Jamais teria abandonado Brett, porém, fora justamente isso que fizera a Hud.

E odiou-se a si mesmo por isso.

Esse era o principal motivo porque ali estava. Cometera um erro e tinha de o admitir perante Hud, perante toda a gente. Não sabia sequer se seria bem acolhido, mas família era família, fosse ou não fosse do

mesmo sangue — ou pelo menos, assim o esperava — e ele sentia-se na obrigação de agir corretamente com a sua.

Portara-se como um estupor moralista e egoísta na altura em que partira, muitos anos antes, mas já não queria ser essa pessoa. Não fazia ideia que tipo de homem viria a ser, no entanto estava mais do que na hora de descobrir.

Hud parara no meio do corredor, a escassos centímetros dele. Tirou lentamente os óculos escuros e olhou para Jacob, com a alegria e o alívio estampados no rosto.

Jacob quase caiu de joelhos ao perceber isso. Deu alguns passos na direção do irmão, como se o coração deixasse subitamente de lhe caber na caixa torácica.

Hud veio também ao seu encontro, envolvendo-o nos seus longos braços e batendo-lhe com força nas costas.

Desde o funeral de Brett que Jacob não sentia uma emoção tão intensa e devoradora crescer dentro de si a ponto de lhe entupir a garganta.

Ainda a abraçá-lo com força, Hud ergueu Jacob do chão — o que não era nada fácil — e apertou-o com quanta força tinha.

— Credo! Quanto pesam todos esses músculos?

Jacob encolheu os ombros, pois tinha de ser entroncado e duro no seu ramo de atividade, o que, de facto, representava uma grande reviravolta desde o tempo em que eram ambos miúdos magros e raquíticos, e lhe recordou tudo o que os unia.

Hud estava a sentir o mesmo, a avaliar pela sua expressão, mas assumiu tão rapidamente uma postura impassível, que Jacob até se sentiu estonteado.

— Que merda é esta, meu? — disse Hud, dando um passo atrás.

— Tonto na língua, Hudson Kincaid! — disse uma voz feminina, num tom indignado. Uma voz que Jacob reconheceria em qualquer lado.

Era a sua mãe.

Jacob e Hud viraram-se ao mesmo tempo para o quarto de onde Hud saía. Carrie estava sentada na sua cama, com umas leggings pretas, uns chinelos de quarto com a forma de coelho e uma grande suéter



rosa-choque que dizia NUNCA PARAR DE LUTAR. O cabelo estava como sempre fora, louro claro, semelhante a uma bola de algodão, com umas madeixas esvoaçantes, que pareciam ter vida própria. Ela poisou lentamente o tablet, de olhos postos em Jacob e Hud.

— Não é um sonho — exclamou ela, de boca aberta. — Oh, meu Deus, não é um sonho — sussurrou e os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Jacob?

Jacob acenou a custo com a cabeça, e quando conseguiu falar, o seu tom de voz era baixo e áspero:

— Sim, Mãe. Sou eu.

Ela levou os dedos trémulos à boca igualmente trémula.

Ele suspirou como se tivesse sido esfaqueado na barriga.

— Por favor não chores.

Ela fechou os olhos e algumas lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

Hud fulminou-o com o olhar e Jacob percebeu que não merecia outra coisa.

— Mãe... — sussurrou ele, num tom de voz rouco, arquejando bruscamente, quando ela saltou da cama e se atirou a ele. Como ela tinha menos trinta centímetros do que ele, não foi nada difícil agarrá-la, e Jacob abraçou-a com força encostando o rosto ao seu ombro.

— Pensavas que eu não ia descobrir? — perguntou ela, num tom de voz magoado. — Pensavas?

— Hum... — Jacob ergueu a cabeça e olhou para Hud, que parecia uma estátua de granito e não o ajudou nada.

Carrie afastou-se e sacudiu-lhe um dedo diante do rosto.

— Quantas vezes te disse que é mau faltar às aulas? Tu precisas de te cultivar, amor. Tu és muito inteligente e vais conseguir fazer de ti alguém — eu sei —, mas a Sra. Stone telefonou-me e disse-me que faltaste ao teste de matemática...

A Sra. Stone era a professora de matemática de Jacob no 6.º ano.

É verdade que faltava frequentemente às aulas dela, quase sempre para ir jogar às cartas a casa de um vizinho, onde usava a sua significativa aptidão para a matemática para contar as cartas e arranjar dinheiro para a renda de casa.

— Eu depois compenso.

— Pois. Acho bem que compenses — disse a mãe, com o mesmo ar de sempre, um nada amalucado, mas que, em simultâneo, fazia dela a mulher mais maravilhosa, carinhosa e doce do planeta. O que desperitou emoções contraditórias em Jacob, como sempre. Memórias ingratas de quando era miúdo e tinha de ser um adulto, e ao mesmo tempo, o alívio de ver que ela continuava a ser a mesma: a única pessoa à face da terra capaz de o amar incondicionalmente, mesmo não sabendo em que ano estava.

Ela abraçou-o de novo.

— Acho apenas que podes fazer melhor — sussurrou, apertando-o contra si e batendo-lhe com cuidado nas costas, com as suas pequenas mãos. — Tu consegues fazer muito melhor. Por favor tenta, Jacob.

Ele fechou os olhos e abraçou-a.

— Vou tentar — prometeu ele.

— O Hud pode ajudar-te. Eu sei que tu lhe tens feito todos os trabalhos de inglês e de história. — Olhou longamente para Hud, antes de se virar de novo para Jacob. — Deixa que ele te retribua, ajudando-te na matemática, OK?

Jacob olhou para Hud, que estava com um olhar frio e avaliador. Não, não poderia contar com grande ajuda para nada, daquele lado.

— Agora, xô — disse Carrie, empurrando-os a ambos para a porta. — Tenho de ir para o meu clube de leitura. Tirou um livro de cima da mesa de cabeceira.

*As Cinquenta Sombras de Grey.*

Hud engasgou-se e fingiu tossir quando Carrie olhou para ele.

— É *esse* o livro que vão discutir hoje, no clube de leitura? — perguntou ele.

— Sim — disse ela, com as faces ligeiramente rosadas. — E não me peças para falar sobre ele. Isto não é livro para rapazes de treze anos, acredita. Estou a educar-vos com deve ser, e espero nunca vos ouvir dizer no futuro — num futuro *muito* longínquo, quando forem já homens feitos — que tratam as vossas mulheres como o Christian Grey trata a dele. Estamos entendidos?

Hud ergueu as mãos numa pose de rendição.

— O Jacob é que tem problemas de autoritarismo — disse ele — e não eu.

Dito isto, o chibo traidor saiu à pressa do quarto, deixando Carrie de olhos postos em Jacob.

Ele retribuiu-lhe o olhar, e sorriu brevemente, percebendo que estava desejoso do seu adorado carinho e afeto.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça.

— Sempre foste o mais sedutor.

Ele não era um sedutor, mas sim o pior dos desertores. Sim, mandava-lhe dinheiro todos os meses, para lhe dar apoio, e nunca a encarara como um fardo financeiro. Não a via dessa forma, tal como ela não o via como um homem adulto. Aos seus olhos, ele era ainda uma criança. A demência roubara-lhe muitos anos.

E ele desperdiçara ainda mais.

Era a sua cruz. Curvou-se e beijou-a ao lado do queixo.

— Eu venho cá amanhã, está bem?

— É bom que venhas. Não quero que faltes mais às aulas, Jacob. Estou a falar a sério.

Ele acenou-lhe com a cabeça e saiu do quarto.

Contava que Hudson estivesse à sua espera, mas o corredor estava vazio. Recordou a si próprio que vira o rosto de Hud iluminar-se, ao vê-lo pela primeira vez. O resto viria por acréscimo.

Pelo menos, assim esperava.

Ao abandonar o centro, sentiu-se observado, mas não estava com disposição para interagir com Sophie, mesmo tendo sido ela a única pessoa que o fizera sentir-se melhor, desde que chegara a Cedar Ridge.

O sol quente banhava-o ao sair para o exterior e ele lembrou-se das pranchas de *paddleboard* que tinha na cabana, confessando a si mesmo que esperava sair para o lago com Hud. Há muito tempo que não se sentia despreocupado, com tempo para fazer o que quisesse.

Há mesmo muito tempo.

Encaminhou-se para a pick-up, mas abrandou ao ver Hud encostado à porta do condutor, de braços descontraidamente cruzados e óculos de sol.

— Como sabias qual era o meu carro?

— É a única pick-up nova no parque de estacionamento e parece ter a ver contigo.

— Esperaste por mim — disse Jacob.

— Não faço outra coisa — afirmou Hud, num tom calmo, não revelando qualquer tipo de emoção, positiva ou negativa. Mas também não precisava de o fazer. O seu tom dizia tudo. Ultrapassara a felicidade que sentira por ver Jacob e concentrara-se no que o reencontro tinha de enfurecedor.

Jacob percebeu isso e merecia-o.

— Hud, eu estou...

— Se a tua intenção é pedires-me desculpa, quero que tu te fodas!

Jacob decidiu não proferir as palavras que tencionava proferir, e que eram, de facto, um pedido de desculpas.

— Não é o suficiente e vem tarde demais — referiu Hud. — Eu telefonei, mandei e-mails, mensagens escritas. Eu... — Sacudiu a cabeça e afastou-se da pick-up. — Esquece.

Jacob atravessou-se no caminho de Hud e olhou-nos nos olhos, o que não era fácil, pois não sabia como justificar as suas próprias ações. Mas era complicado, demasiado complicado fazê-lo num parque de estacionamento.

— Tenho coisas para te dizer — afirmou ele. — Coisas que terás de acabar por ouvir, mas primeiro quero falar da Mãe.

Hud fechou os olhos por breves instantes.

— Sim, ela não está bem.

Jacob anuiu, sentido o coração apertado.

— Umás vezes temos oito anos — referiu Hud —, outras vezes somos adolescentes. Ela está quase sempre parada na nossa adolescência, provavelmente por ter sido nessa altura que começou a perder o juízo. — Hud encolheu os ombros. — Eu limito-me a acompanhar a conversa, pois ela sente-se mais feliz assim, e o médico disse que era preferível mantê-la feliz.

Jacob voltou a acenar com a cabeça.

— Tenho de ir trabalhar — disse Hud.

Mais um aceno de cabeça. Parecia um boneco. Não sabendo como prosseguir, nem ultrapassar aquilo, estendeu-lhe a mão.

Desde sempre que mantinham uma linguagem muito própria, que lhes permitia comunicar quase sem palavras. Tinham também um aperto de mão estupidamente complicado, que usavam sempre que se encontravam ou se despediam um do outro. Por isso Jacob lhe estendera automaticamente a mão, como que por reflexo.

Mas Hud limitou-se a olhar para a mão dele.

Já não se lembrava.

Jacob sabia que não seria fácil regressar a casa, mas com os diabos, não esperava encarar os olhos do irmão, tão semelhantes aos seus, e sentir que o seu próprio irmão gémeo o via como um estranho. Acabou por baixar a mão.

Hud praguejou, olhou para os pés e voltou a encará-lo, passando uma mão pelo cabelo, no mesmo tom de castanho-claro que o do irmão, embora estivesse mais comprido e ondulado e lhe chegasse quase ao colarinho.

— Quando é que tencionavas dizer-me que estavas de regresso a casa?

Merda. Jacob não se sentia tão impotente desde que ele e outros dois da sua unidade, incluindo Brett, tinham sido capturados e torturados durante dois dias.

— Eu tencionava ir falar contigo.

— Quando?

— Não sei.

Hud virou-lhe as costas e Jacob sentiu-se como se estivesse em território inimigo e não conhecesse o terreno. Totalmente perdido, sem ninguém a protegê-lo à retaguarda, agora que Brett estava morto e enterrado.

— Hud.

Hud sacudiu a cabeça.

— Tenho de me ir embora. — E foi mesmo, dando-lhe a provar o que Jacob entendeu ser apenas uma colherada do seu próprio veneno.

**A nossa casa é onde está o nosso coração.  
E Jacob vai descobri-lo da forma mais  
apaixonante possível.**



Depois de uma missão no estrangeiro, o oficial do exército, Jacob Kincaid, volta a casa, a Cedar Ridge, para recomeçar a sua vida. Após anos sem qualquer contacto com a família, ele não sabe o que esperar deste regresso. O que não imaginava era encontrar uma mulher linda e misteriosa a viver num barco atracado na sua doca.

Sophie Marren é bonita, vistosa e determinada, mas está sem dinheiro, sem objetivos, sem futuro, e a morar no único bem que possui: um barco. Está perdida na vida e encontrou um porto de abrigo quando mais precisava. Não contava é que a doca onde atracou pertencesse ao militar.

Jacob e Sophie perdem-se na excitante e incontrolável viagem entre o desejo e a paixão e, ao contrário das expectativas de ambos, descobrem que o amor estava mesmo à porta de casa, porque a nossa casa é onde está o nosso coração.

**Jill Shalvis está de volta, e com ela regressa o amor, o desejo e todas aquelas situações delirantes que deixam qualquer leitora agarrada da primeira à última página.**

**CONHEÇA AS HISTÓRIAS  
DOS OUTROS  
IRMÃOS KINCAID:**



<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8800-83-1  9 789898 800831 Ficção Romântica
--	---